

APÊLO À MOCIDADE  
EM PROL DO  
FUTURO DO BRASIL

Arlindo VEIGA DOS SANTOS

*Do Bemmes  
com um glória  
• Sig.*

PÁTRIA-NOVA  
Cidade de S. Paulo  
1 9 5 8

**APÊLO À MOCIDADE**

EM PROL DO

**FUTURO DO BRASIL**

(Oração parainfantal, pronunciada no Teatro Colombo em S. Paulo,  
na solenidade da diplomação de alunos do GINÁSIO LUCIANO MAIA,  
aos 14 de fevereiro de 1957)

## GINÁSIO LUCIANO MAIA

### ADMINISTRAÇÃO

Prof. Luciano Alberto Ferreira Maia — director.  
Prof.<sup>a</sup> Alice Botelho Maia — directora.  
Iracema Sampaio Garcia — secretária.

### DIPLOMADOS DO ANO DE 1956

Albertina de Conceição Marcos	João Baptista Garcia Filho
Annette Vizioli	Leonardo José Barbastefano
Alberto Helena Júnior	Luciano Alberto Ferreira Maia
Antônio Tinoco Abreu	Marcus Ricciardi
Carlos Sérgio Gori	Mariana Amaral Coutinho
Cecília Fernandes	Mário Brasil Mucio
Deisy Teresinha Bignardi	Miguel Felipe Abbud
Dirce Lopes Amaral Martins	Muricy Tessari
Edda Boerini	Miriam Saba Abbud
Elvira Domingues	Neise Thiers do Valle
Giulliana Maria Colombo	Pedro Antônio Rispoli
Hegop Burunsunzian	Pedro Radames Mides
Helena Cardoso	Rita Aparecida de Moraes
Hélio Coelho	Roberto Ernâni Laurato
Homero Nesi	Sérgio Fernando Fontana
Irani Vezzetti	Teresa Elizabeth Mazoni
Jeanete Carolina Brocoli	Waldomiro Mesquita
João Accarino	Waldemar Colombo

### PARANINHO

Comend. Prof. Arlindo VEIGA DOS SANTOS

1. Entre tantos professôres doutos e fidalgos, a mim escolhestes (quase o mais velho, ao menos pelos longos anos de magistério), a mim a quem conheceis imediatamente apenas, quiçá, como "o professor de inglês", ligado a êsse perfeito cavalheiro da educação paulistana — o mui digno Prof. Luciano Alberto Ferreira Maia.

2. Mas seria êsse na verdade o motivo da preferência?

Estou em que visastes ao homem, pequeno ou não, grande ou não (pouco importa), pelas idéias nacionais e universais impregnadas em sua mentalidade. E, se assim é, imodestamente declaro terdes procedido muitíssimo bem, merecendo, portanto, 10 com louvor.

3. Zero será, porém, inapelavelmente a nota, se, ao arrepio de tal motivação desindividualizada, tiverdes pensado em exaltar a referida língua que aliás aprecio imenso (ainda silenciando o seu aspecto pragmático assás gabado), por muito plástica, sonora e instrumento invejável de riquíssima cultura e riqueza literária em prosa como em verso, pois é senhora de opulenta e aprimorada poesia, facto ignorado de inúmera boa gente.

\* \* \*

4. E qual a razão desta estranha atitude minha?

Acontecimento vulgar, quase anedótico, narrado por educador patricio, ilustrará com propriedade o caso. Há tempos, certo professor inglês, nesta capital, abriu curso da sua língua, com hábil propaganda. Surgiram para logo candidatos a valer e, entre êles, alguns patricios nossos irrequietos pouco mais que alfabetizados. Inteligente que é (e melhor o demonstrou com sua reacção sensata), perguntou êle aos ditos interessados pelo idioma bretão por que era que não preferiam aprender o vernáculo.

Não se fêz esperar a estupenda resposta: — **Oral português nós já sabe!**

5. A auto-suficiência, fruto da insuspeitada ignorância, talvez mercê do prestígio da "língua do cinema", buscava a língua estranha carreadora de cultura estranha, postergando a própria que julgava conhecer.

Já percebeis inteligentemente, por aí, aonde queremos chegar. A língua envolve uma Cultura. E na Cultura é que repousa essencialmente a identidade, a originalidade, a alma de uma Nação. Língua nenhuma existe no mundo para substituir a nacional que, para nós, não é outra senão a portuguesa, brasileira, lusitana ou lusíada (dê-se-lhe que nome se quiser) — língua do Império, da Nação que os nossos valerosos Antepassados REALIZARAM (com as suas três Raças fundamentais) na sua História quadrissecular, e que as gerações modernas de todas as origens herdaram.

6. E não nos venham contrapor a língua tupi, pois o Brasileiro culturalmente considerado não é tupi, mas lusíada.

7. No complexo constituidor da Cultura de qualquer Nação — isto é: Fé religiosa, concepção ou filosofia da vida (o "way of life" que apaixona os anglo-saxões pelo que é dêlest), costumes, instituições político-sociais provadas pelo tempo com a sabedoria, lugar preeminente ocupa a língua, donde o cantar ufano do poeta nacionalista e patriota, Olavo Bilac:

**Amo-te assim desconhecida e obscura,  
Tuba de alto clangor, lira singela,  
Que tens o trom e o silvo da procela  
E o arrôlo da saudade e da ternura.**

8. Cumpre, portanto, cultuar-se, acima de todo o amor à língua estranha, o apêgo sacrossanto, a paixão mesma pela própria, pelo vernáculo, pela língua nativa, o que não significa fecharmo-nos odiosamente na ignorância doutras, uma vez que podem todas elas introduzir-nos directamente nos átrios maravilhosos das mais culturas humanas, da poesia e das artes das terras alheias deste variado mundo de Deus, em são universalismo, pois "nada do que é humano se aliena a nós".

Mais do que nunca, em meio às tormentas borrascosas dos desentendimentos dos espíritos, pedem os nossos tempos trepidantes a compreensão ecumênica, a compreensão total da humanidade.

Além das Iliadas e das Eneidas e todas as líricas, élogos e sátiras das línguas supranacionais, há maravilhas da concepção humana em espanhol, em italiano, em francês, em inglês, nas línguas escandinavas e eslavas, em alemão, em árabe e outros e outros idiomas. Oxalá pudéramos sabê-los todos!

Não constitui, no entanto, atenção a ecumenicidade desprezar o próprio, o próximo, o irmão, o vizinho actual e historicamente, para

aderir (contra êsses!) ao alheio, ao longínquo. Começa em casa a caridade.

9. Não sobreponhamos à nossa a cultura estrangeira, por mais rica, soberba e preciosa que seja, e muito menos língua nenhuma enalteçamos acima da nossa. Não percamos a nossa identidade, a nossa originalidade, a nossa alma.

Fugindo néscios à corrente do nosso passado, jacobinamente, tentámos no 2.º Império "ambientar" o parlamentarismo inglês incoopiável, impuseram-nos na república o federalismo norteamericano, e em nenhum dos casos lucrámos coisa alguma. Muito pelo contrário. Ficámos às tontas, bracejando no escuro, procurando saídas impossíveis...

\* \* \*

10. Guardai bem convosco esta verdade histórica: é a grandeza da cultura, o esplendor da sabedoria, o desabrochamento espiritual, moral e intelectual de uma Nação quem conquista o favor para a sua língua.

Nada seria o hebraico sem a elevação monoteísta do povo hebreu. Nulo fóra por sem dúvida o grego, não tivera a Hélade excedido nas altitudes da filosofia e nos remígios da poesia mais humana, sonora e emotiva, domando o próprio furor positivo e pragmático romano.

Assim também, quando em Portugal na era gloriosa de quinhentos resplandecia — único e ímpar na Europa — o teatro vicentino, desejou o insigne humanista Erasmo de Roterdão, já penetrado das sápidas artes helena e latina, aprender a língua portuguesa, afim de ler Gil Vicente no original.

Nos idos em que a ciência náutica portuguesa mandou as suas velas audazes para a África e o Oriente e, nelas, os missionários da nossa Fé, — de nossa língua todas aquelas plagas remotas se saturaram e, ainda hoje, vocábulos dela se entremeiam nos idiomas africanos e orientais, do mesmo passo que subsistem por lá muitos linguajares derivados da "lusitana casta linguagem".

11. E' este, meus caros alunos, um campo em que deve travar-se uma das vossas batalhas áspers pelo futuro, pois sois vós uma parcela dessa vultosa mocidade a quem vai caber dentro em breve, em momento de transformação profunda do orbe inteiro, o comando multiforme do Brasil.

12. Amai com ciência e consciência e defendei braviamente a Cultura Nacional, uma "cultura ameaçada", como lhe chama o sociólogo Gilberto Freyre. Oponde-vos ferozmente, jaguarinamente, aos múltiplos tipos de invasões que há muito nos vêm perseguindo a vida, roubando as instituições, minando a Fé. Oponde-vos feroz e

jaguarinamente à traição à nossa Cultura. São sagradas tôdas as nações... e a nossa também.

Só na fidelidade à sua Cultura total acham as nações força invencível, coragem destemida até ao martírio, para resistir às invasões ardilosas ou brutais, aos "anschluss" e ao satelitismo materialista, tal como presenciamos revoltados, nestes pavorosos dias, com relação à Hungria, à Polónia, etc..

Por mais bens materiais, bens de "civilização", bens de técnica que possuamos, nada disso valerá coisa alguma para arrostar sacrifícios em que o menor ainda seria morrer combatendo "pro aris et focis".

13. Nada se poderá conseguir de gerações brasileiras que perderem a Cultura Nacional, vítimas de infiltrações subtis e velhacas de potências imperialistas canalizadoras a nós da "sua cultura", vítimas das traições de chefes ignorantes, ingênuos ou venais, vítimas de uma História propositadamente deformada, obscurecida, negada... ignorada.

\* \* \*

14. Cuidaria alguém estarmos deitando embalde sabedoria inoportuna, inútil e até importuna, a rapazes ginasianos.

Enganam-se completamente.

Em chegando a esta Terra de Santa Cruz os Jesuítas, que foram durante 200 anos, além de missionários da Igreja, professores públicos e educadores do Estado do Brasil, pagos por El-Rei de Portugal, iniciaram a catequese pelos adultos e velhos das tribus.

Errado! Não deu certo. A velharia malandra ouvia religião, moral, mandamentos, etc., concordava, achava tudo muito bonito, muito bom, prometia mudar de vida... e continuava ou retornava à malandragem.

15. Teriam os padres de abandonar a empresa? Não. Serviram-se dos poucos adultos fiéis (que os houve graças a Deus!) e voltaram-se para os corumins, quer dizer aos meninos.

Aplicando el cuento, estarei porventura deitando inócua sabedoria aos rapazes ginasianos? — Não, senhores! Preparo os corumins, porquanto nada querem aprender certos velhos malandros e vivem repetindo erros barbados como os propectos botocudos das tribus republicano-democráticas incapazes de mudar com a experiência já "nimis longa" e que só acordarão da estultícia ao estrondar qualquer manifestação violenta de tanques das estepes... Acreditando-se embora assás realistas, só então se dignarão de baixar dos coruchéus do mundo da lua para a realidade da luta de **dois mundos** (ou **três**), a um dos quais estamos de certo modo unidos (e importa estarmos unidos), conquanto nenhum dêles seja total e verdadeiramente NOSSO.

16. Tão avezados andamos ao regimen da demagogia barata (que no fim sai muito cara), tamanhas não são as explorações ao franco e sincero sentimento dos moços, que adivinho gente na assistência pensando que sou "candidato"... Grito alto e bom som que não sou candidato a coisa nenhuma e não tenho candidato algum para nenhuma sinecura.

Ah! esquecia-me, desculpai-me: tenho um candidato: É O BRASIL. É o meu candidato a ser a maior livre Nação do Mundo, Nação feliz, Nação pacífica, Nação rica e não roubada, Nação opulenta, FORTE, mas justa na sua força, Nação capaz, pela sua grandeza serena e por todos os seus históricos atributos em magna parte perdidos hoje, mas restauráveis, Nação capaz — repetimos — de ajudar a tôda a humanidade, a todos os homens de todos os continentes, realizando uma sublime caridade internacional onde fôr preciso.

Mas isso, minhas senhoras e meus senhores, depende dos Moços. Pende todo o nosso imenso futuro da virtude, do valor, da consciência, da ciência, da espiritualidade, do carácter e do patriotismo dos rapazes que ora colam o primeiro grau do curso médio e, com eles, outros de todo o nosso continental País.

17. Nós Brasileiros, por nós somente, somos um mundo e temos uma Mensagem para tôda a humanidade. Mensagem de todo em todo alheia aos conformistas da presente falsa situação em que se estiola e depercece a nossa Pátria; alheia aos que com tal situação se locupletam; alheia aos pessimistas e derrotistas inoperantes. É uma Mensagem Cristã e Brasileira, como é uma Mensagem Lusitana; pois a actual mocidade, a mocidade da esperança, não pode ignorar (e criminosamente o ignoraria) que formamos hoje oficialmente a COMUNIDADE LUSITANA, comunidade da mesma Fé, da mesma Cultura, da mesma língua, dos mesmos sentimentos, a qual se estende desde o rio Javari no Amazonas até o Timor na Oceânia, tôdas elas Terras de Nossa Senhora, Terras de Santa Maria, Terras do Idioma

Em que Camões chorou no exílio amargo  
O gênio sem ventura e o amor sem brilho.

18. Pertence aos Moços, à radiosa aurora da Nacionalidade, essa Mensagem.

Unindo-se aos anciãos revestidos da juventude perpétua da alma e do coração, força é que a Mocidade generosa, desprezando os chavões vazios dos jovens capengas e dos rapazes e velhos retardados, idiotas, displicentes, cépticos, derrotistas e vadios, se atire impávida e de estandarte altivo aos ventos alviçareiros da esperança, na conquista do viridente futuro, com os olhos de água postos na Vocação grandiosa e na Missão incomparável da Pátria Brasileira.

19. Para tamanha empresa, gloriosa mas árdua, preme de responsabilidade, para a consecução desse Ideal (sem ideal, sem uma finalidade suprema ninguém pode viver decentemente!), para tamanha, tão gloriosa, tão árdua, tão responsabilizadora empresa, demandando fé e ciência, qual a primeira atitude dos Moços?

— Fazerem com ardor, com afã, com paixão o que estão fazendo: ESTUDAR.

Propiciam-vos as humanidades aquelas disciplinas que "humanizam" com conhecimentos genéricos, fundamentais, a mente, primitiva tábula rasa apta para qualquer orientação posterior. É nas humanidades propriamente que se forma o homem, o carácter. O que se lhes segue o mais das vezes não ultrapassa o domínio da instrução profissional e técnica, a não ser nas carreiras teológicas e filosóficas. São contra essas humanidades de tipo clássico os regimens que desejam apenas "massas votantes" para serem "acarneiradas" aos planos tirânicos dos ambiciosos do poder pelo poder e para o prazer...

\* \* \*

20. Cada individuo que, por si ou alentado pelos estímulos de seus carinhos e solícitos pais, se alcandora aos píncaros áureos da sabedoria e da ciência eleva de par consigo a sua Família, enobrece-a, ilustra-a, liberta-a; envaidece o grupo natural a que pertence, e magnifica a Pátria. Assim como a pedra, ainda que pequena seja, lançada à face tranqüila do lago forma círculos gradativamente maiores, tal é a acção do individuo na sociedade: um crescendo contínuo até o ápice supremo.

Não vos esqueçais: depende unicamente de vós a grandeza, a nobreza, a qualificação, a exaltação da vossa Família. E de todos vós — as da Pátria Brasileira, as do nosso Brasil. Isso para êle não depender de favores escravizantes, de esmolas internacionais mal interessadas e de infamantes ultrajes que envergonhariam a nossa qualidade de brasileiros.

E vossos pais, a quem neste momento efusivamente dirijo os mais cálidos parabéns, vossos pais merecem êsse brinde do vosso estrênuo esforço.

E o vosso Brasil merece que o exalceis convosco.

Ponde tento, contudo, em que tanto a Família como a Pátria têm inimigos poderosos maquinadores de leis contra ambas...

21. Se vos não qualificardes pelo vosso labor constante, sereis apenas massa, quer dizer fantoches manobrados pelos sábidos, pelos canalhas interesseiros, pelos salafrários egoístas, pelos oportunistas amorais ou imorais que aprenderam a técnica do acarneiramento das vontades débeis para fazer, da multidão dos homens livres, objecto

vil e desprezível dos seus jogos ambiciosos e exploradores, oprimindo o povo com demagogias, com multifárias injustiças, com taxas descomunais, com roubos "autárquicos", com leis contra a lei de Deus e da Igreja, com estímulos ao filhotismo e desacoroçoamento à produção, com péssimo e caríssimo serviço público, com burocracia desesperadora, sem possibilidade de reacção...

**Massa**, diz um autor, "é todo homem médio, vulgar, incapaz de se diferenciar e que voluptuosamente se afunda na repetição dum tipo genérico e comum".

Isso sereis vós, se vos aburguesardes na moleza; isso sereis vós, se não vos esforçardes para serdes **DISTINTOS** da craveira ordinária. Sereis vós isso, se vos contentardes com a mediocridade. Isso sereis vós, se apenas fizerdes o mínimo com o fim prosaico e humilhante de somente conseguirdes uma "nota" regular nos cursos, sem vontade de "saber". Isso sereis vós, se preferirdes o prazer passageiro a uma satisfação longa. Isso sereis vós, se renunciardes, por comodismo, a ser alguma coisa, a ser fidalgo, isto é — filho de algo, neste caso filho das vossas obras válidas, intrépidas, corajosas, diferentes da **Massa** (hoje mera carne de empreguismo e candidata a pistolões de politiqueiros), a qual se tornará potência amanhã, se reabilitada e enquadrada pela força inquebrantável do vosso espírito superior a serviço da Missão da Pátria Brasileira.

\* \* \*

22. O Brasil, meus alunos, meus amigos, está reclamando, a tôdas as vozes desesperadas, chefes, condutores, capitães, para salvar o presente e construir o futuro, contra a lástima calamitosa dos demagogos e dos charlatães.

Dão-nos soberbos exemplos de tais chefes, condutores e capitães, tôdas as épocas da nossa opulentíssima História, desde o Brasil Português ou Estado do Brasil ao Reino, os dois Impérios e a algumas figuras excepcionais do actual Brasil desfigurado.

### 23. A Nação é o Passado, o Presente e o Futuro.

A grandeza do Passado aprendestes pela História.

Assistis, embora cheios de fé e de esperança, à "apagada vil tristeza" do presente. E há por aí, nas próprias altas rodas oficiais, uma fermentação de ideais e de vontade de agir.

Sêde felizes. Sêde fiéis. Sêde valentes.

Sêde justos diante de Deus e dos homens. Sêde sábios.

E vós tereis brevemente a honra de comandar a maior Nação do mundo em todos os séculos da humanidade.

E  
L  
I  
T.  
I  
S  
M  
O

Salvação

contra o tipo de ed. do Br. Dep. de a. ed. humanista

defesa da família

contra o auxílio estrangeiro

distinção

## OBRAS DE A. VEIGA DOS SANTOS

- Compreensão de Farias Brito. 1956.  
Maurras — defensor da realidade. 1956.  
Filosofia política de Sto. Tomás de Aquino. 1956.  
História de hum amôr fingido. 1956.  
Organização monárquica do Estado, de Jacques Valdour (trad. e anotações). 1956.  
De Nóbrega e outros patrícios. 1955.  
O problema operário e a justiça social. 1953.  
Sentimentos da Fé e do Império. 1952.  
As doutrinas políticas de Farias Brito, por Francisco Elias de Tejada (trad.). 1952.  
Orgânica Patrianovista (em colaboração). 1951.  
Santa Maria Magdalena, de Lacordaire (trad.). 1948.  
As raízes históricas do Patrianovismo. 1946.  
Do govêrno dos príncipes e dos judeus, de Santo Tomás de Aquino. Tradução do latim e anotações. 2.ª edição. 1946.  
O esperador de bondes. 1944.  
A lírica de Luís Gama. 1944.  
Brasileiros, às armas! 1943.  
Écos do Redentor. 1942.  
Incenso da minha miséria. 1941.  
Evocando o passado (em colaboração). 1940.  
Do govêrno dos príncipes e dos judeus. 1.ª edição. 1937.  
Para a ordem nova. 1933.  
Da floresta a Paris, de Mariá de Foz. Trad., 1933.  
O Século (redacção principal). 1931-32.  
Satanés. 1932.  
Contra a corrente. 1931.  
Pátria-Nova (dircção). 1929-33.  
O Bibliófilo (dircção). 1927.  
O bálsamo das dores, de Ângela Grassi. Trad., 1926.  
O carnaval. 1925.  
Amar... e amar depois. 1923.  
Os filhos da cabana. 1921-23.  
Etc.

### Brevemente

Sob o signo da fidelidade.